

# Preço do caju está a gerar acesos debates

N. 5/7/93

Quando faltam apenas dois meses para o arranque da campanha de comercialização da castanha de caju, ainda não foram tabelados os preços mínimos de compra ao produtor/apanhador, o que se pretende fazer depois de auscultação dos agentes comerciais. Este facto está a arrastar de algum tempo para cá, acalorados debates em torno da matéria, com o Estado a interessar-se muito na fixação de um preço motivante ao produtor e os comerciantes a pretenderem a marcação do outro referente a venda à porta da fábrica.

Numa reunião havida no passado dia 2 de Julho (sexta-feira) os comerciantes, representados pela sua associação, recusaram-se a adiantar as suas propostas de preço a praticar, antes que fossem aclarados pormenores ligados aos dividendos que resultarão do processo comercial, entre estes e os industriais do ramo.

Informações colhidas pelo nosso Jornal sugerem que o Estado pretende aumentar o preço de compra da castanha ao produtor/apanhador, como forma de o motivar, fazendo subir de 550 meticais que vigorou na campanha anterior para cerca de 825 meticais o quilo, segundo cálculos ainda em curso.

Porém, o facto é que, conforme apurou o «Notícias», os industriais do ramo já fizeram ver que os preços de compra não ultrapassarão os 600 meticais o quilo. É neste dilema que os comerciantes pretendem que se envolvam as fábricas para a discussão do preço.

«Era até preferível que o Estado se abdicasse de fixar até o preço mínimo, que liberalizasse tudo» — opinião de Issufo Nurmomadé, potencial interveniente na comercialização do produto reagindo ao facto de o Estado bater na tecla de que nas relações entre os comerciantes e os industriais apenas toma o papel de observador.

## NESTE ANO AS FÁBRICAS ABSORVERÃO TODA CASTANHA?

A pergunta se afigura quão pertinente quando se torna verdade que no ano passado em virtude da debilidade financeira, as fábricas nacionais não puderam absorver a castanha disponível, tendo sido necessário a sua exportação para a Índia.

Deste modo 10499 toneladas das mais de 18 mil comercializadas tiveram que ser exportadas, tendo as fábricas consumido pouco mais de sete mil toneladas.

Sendo assim e tendo em conta que a Índia, potencial importadora do produto, está neste momento a atravessar problemas nas suas indústrias, que afligem não só o nosso país, como é por exemplo o Vietname, que não vê onde colocar cerca de 40

mil toneladas e a Guiné-Bissau, cerca de nove mil, pretende-se por isso que esforços conjugados internamente resultem no consumo tanto quanto possível da produção nacional.

Na verdade, os debates ainda não produziram posições definitivas e a Associação Comercial de Moçambique, Delegação de Nampula, ficou por elaborar um conjunto de propostas a serem submetidas às entidades de tutela, no mais curto espaço de tempo possível.

Entretanto, tudo indica que o fim, e conforme posições tornadas públicas, será inevitavelmente a fixação de 20 por cento de lucros ao retalhista e 10 ao grossista, devendo gravitar as negociações subsequentes em torno desta realidade.